



JORNADAS
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E
HUMANÍSTICOS
DE PARINTINS

ANAIS

UEA-UFAM
Latinitates

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2022

CONSIDERAÇÕES SOBRE A KÁTHARSIS EM ARISTÓTELES

Alexsandro Melo Medeiros [UFAM]

Resumo: *O conceito de catarse tem sido utilizado na religião, na medicina, na psicologia, na filosofia e pode ser analisado a partir da ideia grega de purgação ou purificação: kátharsis. Merece destaque as análises do filósofo Aristóteles que refletiu sobre esta ideia sobretudo na sua obra Poética (2008) e o objetivo deste trabalho consiste, portanto, em analisar o conceito de catarse em sua obra a partir da dimensão cognitiva e ética e a relação entre estas duas dimensões.*

Palavras-chave: kátharsis, dimensão cognitiva, dimensão ética, Aristóteles

INTRODUÇÃO

Catarse significa purgação ou purificação: kátharsis (κάθαρσις). Cátaro (katharós) é alguém que passou por uma catarse (kátharsis), isto é, um processo de purificação. “O vocábulo tem sido usado na religião, na medicina e na filosofia da Grécia antiga, no sentido de expulsão daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por esta razão, o corrompe e o adoece” (ALMEIDA, 2010, pg. 76).

Na medicina antiga, essa purificação poderia ser feita através do vômito, evacuação de fezes, urina, suor ou através da menstruação. Essa é a origem do vocábulo purgante, medicamento utilizado para limpeza interior ou desintoxicação do organismo, como algo que purga, purifica, limpa.

Ao analisar do ponto de vista semântico o conceito de kátharsis, Nussbaum (1995, pg. 389) pondera que não resta dúvidas de “que o significado principal do termo é o de ‘limpeza’ ou ‘clarificação’, isto é, de remoção de algum obstáculo (sujeira, ou mancha, ou obscuridade, ou mistura) que faz o item em questão menos limpo do que é em seu estado original”.

Aristóteles, por sua vez, produziu um discurso sobre a catarse especialmente no conhecido passo da *Política* (1341b-1342a) sobre a música, em que essa manifestação é interpretada como pedagógica ou catártica (análogo ao da medicina) e também na sua obra *Poética*. Na *Poética* o termo designa o ato de tornar puros os sentimentos, referindo-

se aos efeitos da tragédia, gênero de poesia dramática, própria e exclusiva da cultura grega antiga, em que atores, através de adequada representação, suscitavam “temor e piedade” na plateia, mobilizando afetos virtuosos e redentores (ALMEIDA, 2010, pg. 77).

A partir da obra de Aristóteles podemos falar de pelo menos quatro interpretações da ideia de catarse: 1) biológica; 2) psicológica (YEBRA, 1974); 3) ética (LESSING, 1964); 4) cognitiva (GOLDEN, 1976; FERREIRA, 2008). Nesta comunicação iremos nos concentrar principalmente na dimensão cognitiva (levando em consideração a obra *Poética* de Aristóteles), a dimensão ética (levando em consideração o conjunto das obras do filósofo grego) e como esta se liga àquela.

A DIMENSÃO COGNITIVA DA KÁTHARSIS

A *Poética* trata do teatro e da literatura e é nesta obra que Aristóteles elabora os conceitos de imitação (mímesis) e catarse (kátharsis) ao examinar a produção da tragédia grega. A tragédia é uma arte mimética, ela é imitação de ações humanas e é teleológica, ou seja, visa a um fim que é a catarse, a purificação de emoções como o terror e a piedade. A catarse “consiste na purificação dos excessos no sentimento de piedade e terror, pela razão, reconduzindo-os em direção à virtude” (BOLOGNESI, 2002, pg. 74).

O fenômeno da tragédia é expressão do período histórico grego com suas problematizações e dilemas. É todo um universo conflitante de valores mercantis e aristocráticos, interesses humanos, necessidades políticas, além de ressaltar o universo dos deuses que estão presentes na composição trágica.

“Os conflitos constituintes da tragédia são correlatos àqueles do século V ateniense e sua experiência democrática. O próprio espaço cênico no qual se desenvolveu a tragédia é uma abstração das instâncias políticas da democracia. O coro ocupa o lugar central circular, a orquestra, abstração da praça pública, a *Ágora*. O espaço da cena é destinado às personagens objeto da tragédia, como os reis e governantes em seus palácios. Assim, a compreensão do fenômeno trágico alia-se ao entendimento do período grego da democracia, de modo que a tragédia passa a ser uma forma do real, uma

abstração que hoje se dá a nós como matéria artística” (BOLOGNESI, 2002, pg. 73-74).

Como arte catártica, a tragédia é uma espécie de medicina da alma, que atua sobre a alma do espectador, no teatro, fazendo-o sentir as paixões narradas/representadas e permitindo-lhe, ao imitá-las em seu interior, liberar-se delas, purificando-se. Aristóteles afirma ser através da piedade e do medo que a tragédia produz a catarse das emoções. Ao assistir uma tragédia, é inevitável sentir medo ou piedade. Ao se identificar com as situações apresentadas no palco o público se torna suscetível às emoções provocadas pelos fatos narrados, provocando a catarse, purgação dos sentimentos de terror e compaixão por parte dos espectadores.

Para Aristóteles (2008, 1453b e ss.), o poeta trágico deve procurar fazer despertar no seu público as duas emoções: o terror e a piedade, que por sua vez irão produzir a catarse.

“Sensibilizando-se com o horror dos acontecimentos em cena, a tragédia suscita no espectador, simultaneamente, um sentimento de compaixão pelo herói, devido ao destino que lhe foi reservado; e de grande horror (terror) diante das mortes, ferimentos e dores que se narram em cena” (CAMPOS, 2012, pg. 24).

Golden (1976) é um dos principais defensores da ideia de catarse na poética a partir de uma visão cognitiva e intelectualista, associada ao prazer de aprender.

“Aristóteles identifica o prazer associado às representações miméticas com o prazer de aprender; sendo a mimesis algo natural ao homem, juntamente com sua propensão ao saber, como nos diz no primeiro livro da *Metafísica*. Há prazer na contemplação da coisa representada e esse prazer provém do reconhecimento do que esse objeto manifesta, seja ele agradável ou não, isso porque visualizar imagens e reconhecê-las requer a abstração de sua forma, requer um movimento do particular ao universal, o que implica raciocínio e aprendizagem, sendo que o prazer em aprender é inerente a todos os homens e não somente aos filósofos” (FERREIRA, 2008, pg. 12).

O prazer evocado pela mimesis trágica é o prazer de aprender e inferir: “Aristóteles nos diz que a mimesis trágica nos guia ao encontro de algum acontecimento particular de piedade e medo à compreensão filosófica da natureza universal da piedade e do medo na existência humana” (FERREIRA, 2008, pg. 59). É a partir deste argumento que Golden (1976) conclui pela ideia de catarse como clarificação intelectual (definição dada no capítulo VI da tragédia, segundo Golden). O medo é uma emoção que nos faz pensar e deliberar sobre como agir diante de um perigo iminente. A piedade é uma emoção que sentimos ao ver o sofrimento de alguém que passou por algo sem o merecer. A piedade nos leva ao medo, ao pensar na possibilidade de que também podemos cair em desgraça sendo que o temer indicaria o desejo de evitar a situação trágica. “Visto que a tragédia é poesia e, logo, mimesis, precisa envolver aprendizado, e considerando que a tragédia é especificamente associada à piedade e ao medo, fica claro que a tragédia precisa engendrar aprendizado sobre essas emoções” (FERREIRA, 2008, pg. 13).

“O prazer que Aristóteles atribui a toda *mimesis* é o prazer que Golden traduz por “aprendizado e inferência (ou dedução)” [...] Todas as formas de *mimesis*, incluindo a epopéia e a tragédia, precisam expressar este prazer essencial da imitação. Aristóteles afirma que o prazer intelectual essencial surge da piedade e do medo, e compreendemos que os *insights* proporcionados pela tragédia são direcionados às dimensões de piedade e medo da existência humana. Aristóteles atribuiu o mesmo prazer à epopéia e à tragédia que, por ser esta última mais sucinta, é mais eficiente em alcançar o prazer do que a epopéia. O objetivo essencial, tanto da epopéia quanto da tragédia é, segundo Golden, uma experiência intelectual de aprendizado prazerosa alcançada através da *mimesis* da piedade e do medo” (FERREIRA, 2008, pg. 14).

A DIMENSÃO ÉTICA DA KÁTHARSIS

A partir da dimensão cognitiva da ideia de kátharsis e agora considerando não apenas a *Poética*, mas o contexto geral das obras de Aristóteles, podemos dizer que a dimensão cognitiva está, em certa

medida, associada com a dimensão ética. A tragédia, ao aprofundar nosso entendimento sobre aspectos da existência humana representados na mimesis artística, tem uma finalidade educativa e formadora do caráter e das virtudes pois o espectador deve aprender, pela imitação (representação no espetáculo), o bem e o mal das paixões, o que podem fazer de terrível ou benéfico para os humanos.

“a piedade baseada no nosso reconhecimento de que o infortúnio sofrido pelo personagem é imerecido; o medo que surge com o reconhecimento de que este infortúnio está acontecendo a alguém como nós. Desta maneira, a clarificação intelectual é um pré-requisito necessário para a realização de julgamentos morais. Portanto, no caso do drama trágico, devemos primeiramente processar intelectualmente o fluxo de fatos do qual o início, o meio e o fim, são estruturados pela necessidade e pela verossimilhança. O resultado deste processo intelectual é a aquisição de um novo conhecimento e o aprofundamento de níveis anteriores de entendimento. Em alguns casos, nossa experiência intelectual é enobrecida quando confrontamos figuras trágicas que servem como um modelo de luta mesmo em face do inevitável; em outros, podemos partir somente com a consolação de que nenhuma vã ilusão permanece entre nós e a realidade inexorável” (FERREIRA, 2008, pg. 62).

Precisamos pensar e refletir sobre quais ações são nobres ou baixas e, como resultado desta reflexão, decidir se a piedade e o medo são apropriados às circunstâncias. Neste caso, a catarse se torna uma experiência de aprendizado, seja sobre a causa, o efeito ou a natureza da piedade e do medo. Em outras palavras, podemos entender como uma passagem ou transição da ignorância para o conhecimento, através do qual o espectador se dá conta de que o que está acontecendo no drama, pode acontecer também em sua própria vida.

A tragédia teria o poder de moderar as emoções ou de reduzi-las na justa medida. A tragédia traria a possibilidade de uma melhoria moral, nos tornando melhores. A catarse indica a purgação dos excessos que existem nas emoções de medo e piedade, provocando a correta medida das sensações. O processo catártico purga tais

emoções, aliviando a sensação dolorosa e provocando, no final, o prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aristóteles refletiu sobre o conceito de catarse tanto em sua obra *Política*, quando faz uma breve referência sobre a música, em que essa manifestação é interpretada como pedagógica ou catártica (análogo ao da medicina), mas principalmente na sua obra *Poética*, onde o termo designa a purificação das emoções e sentimentos, principalmente aqueles que suscitam temor e piedade na plateia. Por isso se pode dizer que a tragédia tinha para o ser humano a capacidade de libertação, purgação ou purificação (catarse), que era provocada no público durante e após a representação de uma tragédia grega.

Embora se possa falar de diferentes tipos de purificação, nesta comunicação levamos em consideração a dimensão cognitiva, a dimensão ética e como as duas estão de alguma forma relacionadas. A dimensão cognitiva reside no fato de que a tragédia envolve aprendizado sobre as emoções do medo e da piedade: é o sentido de catarse como clarificação intelectual. Por outro lado, associada a ideia de que a tragédia aprofunda o nosso entendimento sobre aspectos da existência humana, pode-se ressaltar que ela tem uma finalidade educativa e formadora do caráter e das virtudes pois o espectador deve aprender, através da representação, o bem e o mal das paixões, o que podem fazer de terrível ou benéfico para os humanos. E, neste caso, a dimensão cognitiva está estreitamente relacionada com a dimensão ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles (2008). **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- W. C. Almeida (2010). «Além da catarse, além da integração, a catarse de integração». **Revista Brasileira de Psicodrama** 2. p. 75-95.
- M. F. Bolognesi (2002). «Brecht e Aristóteles». **Trans/Form/Ação**, 1. p. 67-78.
- J. N. de Campos (2012). **Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na Ética aristotélica**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (dissert. policop.).

- E. V. Ferreira (2008). **A katharsis como clarificação intelectual na Poética de Aristóteles**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (dissert. policop.).
- L. Golden (1976). «The Clarification Theory of Katharsis». **Hermes**, 104. p. 437-52.
- G. E. Lessing (1964). **De Teatro e Literatura**. São Paulo: Ed. Herder.
- M. Nussbaum (1995). **The fragility of goodness. Luck and ethics in greek tragedy and philosophy**. Cambridge University Press. Cambridge.
- V. G. Yebra (1974). **Poética de Aristóteles** (edición trillingüe). Madrid.



O MÉTODO DIALÓGICO EM SÓCRATES E O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM MATTHEW LIPMAN: DA GRÉCIA ANTIGA PARA OS DIAS ATUAIS

Dalila Araújo de Sousa [UFAM]

Alexsandro Melo Medeiros [UFAM]

Resumo: *Neste artigo, que adota como metodologia a pesquisa bibliográfica, nosso objetivo é abordar o Programa de Filosofia para Crianças criado por Matthew Lipman e como o filósofo norte-americano foi influenciado, diretamente, pelo método dialógico do filósofo grego Sócrates. Veremos como, através do diálogo investigativo, Lipman elaborou o seu programa de modo a permitir que as crianças façam perguntas, pensem em hipóteses e tirem conclusões possibilitando, às crianças, a construção do conhecimento.*

Palavras-chave: Diálogo Investigativo, Ensino, Filosofia para Crianças.

INTRODUÇÃO

Um homem caminha pelas ruas de Atenas, na Grécia Antiga. Ele não tem outra ocupação, senão a de fazer os seus concidadãos refletirem sobre questões ligadas à existência humana. Quem nós somos? O que estamos fazendo da nossa existência? Por que devemos